



A ATENÇÃO PRIMÁRIA NA PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES: BARREIRAS, OPORTUNIDADES E PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO

CAROLINA HELEONORA PILGER

Doutoranda em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
carolinapilger@gmail.com

VERONICA DE OLIVEIRA CORREA

Acadêmica de Enfermagem. Universidade Federal do Pampa. Uruguaiana, Rio Grande do Sul.
veronicacorrea.aluno@unipampa.edu.br

LISIE ALENDE PRATES

Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do curso de Enfermagem. Universidade Federal do Pampa. Uruguaiana, Rio Grande do Sul.
lisieprates@unipampa.edu.br

INTRODUÇÃO

De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022, a população adolescente no Brasil era composta por aproximadamente 14.375.942 indivíduos. Embora geralmente considerados saudáveis, esses jovens enfrentam barreiras importantes no acesso aos serviços de saúde. Em 2019, aproximadamente 900 mil adolescentes morreram devido a condições que poderiam ter sido evitadas ou tratadas (IBGE, 2022).

Apesar da existência de políticas públicas voltadas à promoção da saúde dos adolescentes nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), observa-se que as práticas adotadas ainda são fragmentadas e fundamentadas no modelo biomédico. Essas abordagens muitas vezes desconsideram as dimensões biopsicossociais no cuidado, limitando a efetividade das ações de saúde (Silva & Engstrom, 2020).

O acesso dos adolescentes à Atenção Primária à Saúde ocorre tanto de forma espontânea quanto por encaminhamentos da rede de saúde, assistência social ou instituições de ensino (Barros et al., 2021). As principais demandas envolvem cuidados ginecológicos, gravidez na adolescência e uso de álcool e outras drogas. Em geral, os jovens procuram os serviços por questões pontuais, o que revela baixa adesão às ações de promoção e prevenção em saúde (Martins et al., 2024).

Apesar dos avanços no acesso à APS no Brasil, persistem desafios quanto à qualidade do atendimento aos adolescentes. Profissionais enfrentam condições de trabalho precárias, alta demanda, falta de recursos e formação insuficiente para atuar com esse público, especialmente em ações de prevenção e promoção da saúde (Silva & Engstrom, 2020).



Nesse contexto, é essencial investir em estudos sobre a percepção dos adolescentes quanto às suas necessidades de cuidado e o vínculo com a APS. Isso permite compreender suas vivências, desejos e expectativas, orientando estratégias mais eficazes e alinhadas a esse público. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo analisar as barreiras, oportunidades e perspectivas de cuidado à saúde dos adolescentes na Atenção Primária.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória. A coleta de dados foi realizada em uma escola pública de ensino médio situada em um município da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

A coleta ocorreu entre setembro e novembro de 2021, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas de forma individual. Devido aos protocolos de distanciamento social decorrentes da pandemia de COVID-19, foi necessário adaptar o método para o ambiente virtual, utilizando a plataforma *Google Meet*. Os encontros foram gravados em áudio, com a autorização dos participantes, e tiveram uma duração média de 56 minutos.

A população foi composta por 12 estudantes, selecionados por meio da técnica de amostragem não probabilística conhecida como *snowball*. Os critérios de inclusão foram: adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 15 e 19 anos, conforme a definição de adolescência da Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, 2019). Não foram estabelecidos critérios de exclusão. A inclusão de novas participantes foi encerrada quando atingido o critério de saturação de dados (World Health Association, 1994).

Após o término da fase de coleta de dados, os materiais obtidos foram submetidos à análise de conteúdo temática (Minayo, 2014). Inicialmente, realizou-se uma pré-análise por meio de leitura exploratória, seguida de uma análise detalhada e organização das informações extraídas das entrevistas. Em seguida, procedeu-se à exploração do material, o que possibilitou a identificação de unidades de significação, categorias temáticas e temas relevantes. Por fim, os resultados foram interpretados à luz de referenciais teóricos pertinentes, com o objetivo de formular respostas à questão de pesquisa.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição responsável, em 20 de agosto de 2021, sob o CAAE 43198020.0.0000.5323, número do parecer 4.920.918. Para assegurar o anonimato dos participantes, adotou-se um sistema alfanumérico,



utilizando a letra “E” (de entrevistado) seguida de um número sequencial, de acordo com a ordem de realização das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo mostrou que os adolescentes têm visão limitada da APS, geralmente associando-a à vacinação ou atendimentos emergenciais. A maioria desconhecia os serviços disponíveis e buscava atendimento apenas em casos específicos, como consultas com ginecologistas ou oftalmologistas, evidenciando uma adesão pontual e reativa aos cuidados em saúde. Resultado semelhante foi encontrado em estudo nacional, no qual profissionais relataram que as ações da APS se concentram em questões biológicas, percebidas pelos adolescentes como prioridade (Barros et al., 2021).

Os jovens relataram insatisfação com o tempo de espera e a falta de esclarecimentos durante as consultas. Essa insatisfação, somada à desinformação sobre o funcionamento da APS, contribui para a procura por serviços de pronto atendimento ou hospitais, considerados mais ágeis. Além disso, muitos adolescentes indicaram buscar informações sobre saúde na internet ou entre amigos, evitando os serviços de saúde por medo de julgamentos, constrangimento ou receio de que suas famílias sejam informadas.

Apesar disso, alguns adolescentes relataram experiências positivas, destacando vínculos estabelecidos com profissionais da APS, especialmente quando suas dúvidas foram escutadas e respondidas com sensibilidade. Nesses casos, a relação de confiança incentivou o retorno e maior adesão às orientações de saúde.

O vínculo e o acolhimento são essenciais para aproximar os adolescentes da APS, gerando segurança e confiança. Esses elementos favorecem um cuidado centrado em suas necessidades, tornando o atendimento mais efetivo e humanizado (Barros et al., 2021).

Os adolescentes sugeriram espaços específicos para sua faixa etária, com atendimentos individualizados, acolhedores e sem julgamentos. Propuseram que temas como sexualidade, corpo, contracepção, gravidez precoce e saúde mental sejam tratados de forma acessível e empática. Rejeitaram palestras, preferindo abordagens dialogadas e contextualizadas.

A abordagem ao adolescente deve ser acolhedora, sem julgamentos, valorizando sua subjetividade e contexto. Considerar suas demandas e características individuais, além de envolvê-lo nas escolhas e atividades, aproxima-o da APS e estimula o cuidado com a própria saúde (Rosendo et al., 2023).



O suporte psicológico emergiu como uma demanda expressiva. Muitos participantes revelaram o desejo de ter acesso mais fácil a profissionais da área da saúde mental, reconhecendo a importância do acompanhamento emocional durante a adolescência. A ausência desse suporte foi apontada como uma falha significativa nos serviços.

Estudo corrobora esses achados ao apontar a ausência de planejamento e de ações específicas para atender a demanda de saúde mental dos adolescentes. Essa situação ocorre devido à prioridade dada às ações biologicistas, como questões relacionadas à sexualidade, gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis (Pessoa et al., 2020).

Ademais, os participantes demonstraram pouca clareza sobre o papel dos profissionais da APS, como enfermeiros, indicando que, em geral, a referência em saúde ainda está centrada no médico. Esse dado evidencia a necessidade de fortalecer a visibilidade e o protagonismo de toda a equipe multiprofissional.

O profissional da APS é essencial na criação de vínculos e na promoção da autonomia dos adolescentes. Para um cuidado integral, são necessárias ações interdisciplinares com equipe multiprofissional e participação ativa dos jovens (Silva & Engstrom, 2020). Observa-se, contudo, que o cuidado voltado aos adolescentes na APS ainda é fragmentado, caracterizado por uma desarticulação entre os serviços de assistência, com ênfase excessiva na abordagem da doença e pouca atenção às necessidades biopsicossociais do jovem (Pessoa et al., 2020).

A articulação entre saúde e escola é uma estratégia promissora para ampliar o acesso e a adesão dos adolescentes à APS. Ela favorece ações educativas contínuas e adaptadas à realidade juvenil. As escolas têm grande potencial como promotoras da saúde, especialmente por meio de programas intersetoriais como o Programa Saúde na Escola (Martins et al., 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que a APS ainda enfrenta barreiras para oferecer um cuidado integral e sensível às necessidades dos adolescentes. Muitos recorrem aos serviços apenas em situações emergenciais ou para vacinação, o que revela afastamento das ações de promoção e prevenção em saúde. Essa baixa adesão está ligada à falta de informação sobre os serviços e profissionais da Estratégia Saúde da Família, ao atendimento pouco acolhedor, ao tempo de espera e à escassez de ações voltadas especificamente para adolescentes. Também há desconhecimento sobre o papel dos profissionais, especialmente do enfermeiro.



É necessário adotar estratégias que aproximem os adolescentes da APS, com ações mais atrativas, acessíveis e acolhedoras. Os participantes destacaram a importância de espaços de escuta sensível, sem julgamentos e com respeito à autonomia. As escolas se mostraram aliadas importantes na promoção da saúde, podendo ampliar o acesso a informações e fortalecer o vínculo com os serviços por meio de ações intersetoriais, como o Programa Saúde na Escola.

Apesar das limitações, como o número reduzido de participantes do sexo masculino e o recorte regional, o estudo identificou necessidades concretas dos adolescentes e apontou caminhos para qualificar o cuidado. Os dados reforçam a importância de atendimentos individualizados e consultas específicas sobre sexualidade, saúde mental, mudanças corporais e prevenção. Reconhecer o adolescente como sujeito singular em desenvolvimento é essencial para consolidar a APS como porta de entrada efetiva, resolutiva e humanizada.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTOS

Agradecimentos: não se aplica.

Fontes de financiamento: não se aplica.

REFERÊNCIAS

Barros, RP, Holanda, PRCM. de, Sousa, AD. da S, & Apostolico, M R. (2021). Necessidades em Saúde dos adolescentes na perspectiva dos profissionais da Atenção Primária à Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(2), 425–434. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40812020>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2022). Censo Brasileiro de 2022. Cidades e Estados: Brasil - Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>.

Martins, MMF, Prado, NM de BL, Vilasbôas, ALQ, & Aquino, R. (2024). Fonte usual de cuidado e o acesso de adolescentes brasileiros a serviços de Atenção Primária à Saúde (APS). *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(5), e11232023. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024295.11232023>

Minayo, MC (2014). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. (Ed.14). São Paulo: Hucitec.



Pessoa, DMS, Freitas, RJM, Melo, JAL, Barreto, FA, Melo, KCO, & Dias, EC. Assistência de enfermagem na atenção primária à saúde de adolescentes com ideações suicidas. (2020). *REME-Revista Mineira De Enfermagem*, 24. <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20200019>

Rosendo, WL da S., Gonçalves, RVF, Monteiro, SF, Paixão, TBL, Cunha, TS, Lins, VRA, Santos, IN, & Santos, IN. (2023). Determinantes sociais da saúde na adolescência: uma revisão integrativa: Determinantes sociais da saúde na adolescência. *Saúde Coletiva* (Barueri), 13(88), 13283–13302. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2023v13i88p13283-13302>

Silva, RF., & Engstrom, EM. (2020). Atenção integral à saúde do adolescente pela Atenção Primária à Saúde no território brasileiro: uma revisão integrativa. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 24, e190548. <https://doi.org/10.1590/Interface.190548>.

World Health Organization (2019). Adolescent health. Geneva: WHO. Disponível em: http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/.

World Health Association (1994). Division of Mental Health. Qualitative Research for Health Programmes. Geneva: WHA. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/62315>.

DESCRITORES: Adolescente; Atenção Primária à Saúde; Pessoal de Saúde; Promoção da Saúde; Saúde do Adolescente.